

Uma viagem íntima até à raiz do gesto

Os malabaristas do Collectif Petit Travers apresentam-se pela terceira vez em Almada — à Sala Principal do Teatro Municipal Joaquim Benite trouxeram em 2020 *Dans les plis du paysage*, tendo regressado em 2024 com *NUIT, uma peça curta para três intérpretes*. Desta vez no Palco Grande da Escola D. António da Costa, *S'assurer de ses propres murmures* consiste também num formato reduzido — um malabarista e um baterista —, no qual o público é convocado para um espectáculo-concerto.

Por detrás da criação de *Assegurar-se dos próprios murmúrios*, que funde o universo do malabarismo com o da música, esteve o desejo de “alcançar uma poesia quase literária, mas não verbal”, nas palavras de Julien Clément, que co-criou este espectáculo com o baterista Pierre Pollet. Na verdade, o título da peça corresponde a um verso de René Char: “Assegurar-se dos próprios murmúrios e levar a acção até ao seu verbo em flor”. Ao cabo de alguns anos de pesquisa conjunta, estes dois intérpretes virtuosos acabaram por explorar a duração e a densidade das relações estabelecidas entre os seus corpos, no palco, assentando em quatro eixos: o ritual (dançar, fazer o aquecimento, empatizar); o jogo (viver a voluptuosidade da acção, intensificar o presente); a viagem (abandonar-se à escuta da



poética do gesto); e a linguagem (comunicar através da lisura do ritmo e do murmúrio).

De facto, esta criação consiste, em grande medida, numa espécie de ‘elogio do murmúrio’, essa dimensão íntima da linguagem. Para os dois criadores: “o murmúrio consiste numa palavra partilhada em grande proximidade; numa dessas fórmulas que apenas podemos exprimir na confiança de uma bolha protegida, feita de silêncio e de mistério, frágil. ‘Assegurar-se dos próprios murmúrios’ consiste

em estabelecer conjuntamente o espaço de segurança para uma escuta recíproca, enquanto damos atenção aos nossos próprios rumores. No fundo, trata-se de convocar o mundo, e os espectadores, a aguçarem os ouvidos e a virem ao nosso encontro — a quebrarem o segredo. Esta peça consiste num espectáculo de circo e num concerto, no qual a bateria funciona como o coração que anima um corpo: o malabarismo”.

“As aves” no CCB até Domingo

Do Porto, a mala voadora traz-nos uma revisitação da comédia clássica de Aristófanes, *As aves*, dirigida por Jorge Andrade. Esta reflexão sobre o poder e a liberdade foi realizada em co-produção com as Comédias do Minho, de Paredes de Coura, e estará em cena no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém a partir de hoje até dia 13.

Nesta peça é-nos contada a história de dois homens que abandonam Atenas em busca de um lugar melhor para viverem. Acreditam que um outro homem, que foi transformado em ave e que pode voar e ver o mundo de cima, possa ajudá-los. Por isso, procuram-no. Um dos dois homens, chamado Pistetero, quando percebe como vivem as aves quer viver como elas, convencendo-as a fundarem uma cidade onde se institua e preserve “a bela vida das aves”. O seu poder de persuasão é notável. As aves, que não gostam de humanos, sucumbem à sua retórica, ao ponto



de o tomarem por um deus. Sendo capaz de encantar as multidões, Pistetero instaura um poder absoluto — o seu. Partindo de uma reescrita de *As aves*, de Aristófanes, a mala voadora e as Comédias do Minho juntam-se para contar uma história cheia de pássaros

emplumados, humanos e deuses de mármore — uma história em que as palavras, ao soarem bem, se transformam em música.

A encenação é de Jorge Andrade, que amanhã estará à conversa na Esplanada com o público do Festival.

O Teatro também é uma Casa

© Pedro Castanheira



“No princípio era só o Ruy, o Ruy Belo, numa frase inspirada pelos versos e pelo nome do poeta. A lei de bases da habitação é uma lei bela. Falta-lhe apenas o Ruy para ser plena”. A frase toma o seu lugar no palco pela voz de

Fernando Giestas, mas é fora de cena que o intérprete se dá conta que aquele Ruy são todos os Ruis, são todas as pessoas que lutam pelo direito a ter casa. A partilha aconteceu na segunda sessão das Conversas na Esplanada, com Fernando Giestas e Rafaela Santos, rostos do colectivo Amarelo Silvestre e autores do projecto *Diários de uma República*, em que o Teatro e a Fotografia nos revelam a paisagem e as pessoas deste Portugal que somos.

A cultura é sempre a possibilidade de uma casa mais ampla, observou o moderador Ruy Filho (outro Ruy), cujo texto de partida para a conversa abraçou as tantas assoalhadas que habitam este espectáculo, que é também um assunto. O teatro como uma casa, onde a voz dos que não têm voz se escuta e se ouve: “Temos meios, temos força, temos esse poder”, consentiu Fernando Giestas. E não por acaso, em Almada, a peça é dedicada à memória do encenador Rogério Carvalho, “alguém

Restaurante da Esplanada

HOJE

Tagine de frango

Dourada no forno

Noodles com couve roxa e couve-flor

AMANHÃ

Frango crocante c/ salada de repolho

Bacalhau à antiga

Feijoada de abóbora e batata doce

que tantas vezes nos fez levitar”, alguém que fez do teatro a sua casa. E uma casa, como escreveu Ruy Belo, “é a coisa mais séria da vida”. Nesta casa também mora uma bateria: “Porque é preciso fazer barulho. Muito barulho”. A casa morreu — *Diário de uma República* III volta hoje à Academia Almadense, às 21h30.

TERESA DIAS MENDES

Trio da América Latina

Os P.L.I.N.T – Pablo Lapidusas International Trio vão estar amanhã a animar o jantar da Esplanada. Trata-se de um pianista, Pablo Lapidusas (argentino); de um baixista, Leo Espinosa (cubano); e de um baterista, Marcelo Araújo (brasileiro).

Os P.L.I.N.T nasceram em Abril de 2014 no Hot Club Portugal, berço do Jazz em Portugal, em simultâneo com o lançamento do CD *Estrangeiro* do pianista argentino Pablo

Lapidusas. É um projecto musical onde a experiência da migração e o ADN Latino-Americano dos três músicos são o mote para uma performance musical extremamente forte.

Em 2015, o trio gravou um CD ao vivo no prestigioso club The Orbit (África do Sul): *Live in Johannesburg – Ekaya*. Em Julho de 2018 o trio lança o seu segundo álbum *Bora*, produzido por Joni Schwalbach, onde contam com a colaboração do conhecido rapper Brasileiro Marcelo D2.



Agenda de Amanhã

CONVERSA COM JORGE ANDRADE
Esplanada — 18H00

HISTORY OF VIOLENCE
TMJB — 19H00

AS AVES
CCB — 20H00

P.L.I.N.T
Esplanada — 20H30

A COLÓNIA
Culturgest — 21H30

S'ASSURER DE SES PROPRES MURMURES
Escola D. António da Costa — 22H00

O Livro do Dia



2€ nas bancas do Festival

Jorge Andrade amanhã na Esplanada

Amanhã às 18h Jorge Andrade estará à conversa com o público, num colóquio moderado por Emília Costa. Nascido em 1973, o director artístico da mala voadora é actor, encenador, dramaturgo e programador (“por esta ordem), e também ensina na ESTC. A mala voadora, a companhia portuense que fundou em 2003, já produziu 41 espectáculos, tendo apresentado o seu trabalho em vários países e obtido reconhecimento e vários prémios. *As aves*, o espectáculo que a mala voadora apresenta nesta edição do Festival, instaura um lugar de ambiguidade, entre a fábula e o comentário político, falando-nos de distopia e do excesso de ambição. Desde 2017 que Jorge Andrade não apresentava uma criação da mala voadora no Festival, o ano em que trouxe ao Palco Grande a peça *Moçambique*, inspirada na sua biografia.